

dados, por definição, hipóteses não verificáveis diretamente, ou seja, hipóteses de natureza teórica (Kessen e Mandler, 1974). No entanto, é raro encontrar tal rigor na pesquisa psicológica: o mero estabelecimento de relações entre dois ou mais conceitos observáveis (tais como os conceitos de "estímulo" e "resposta" do behaviorismo) já implica uma extrapolação, uma inferência, e, portanto, no estabelecimento de eventos de natureza teórica e não verificável diretamente na etapa de interpretação de dados.

Sendo assim, independente do tipo de explicação elaborada (dedutiva ou indutiva), sempre encontraremos na etapa de Interpretação de Dados o que vai "além dos dados", o que se distancia do empírico e se aproxima do teórico, no complexo *continuum* da linguagem (visto anteriormente).

Para que você possa diferenciar a linguagem de uma "interpretação de dados" daquela que descreve os mesmos, apresentamos, a seguir, um trecho que ilustra essa diferença.

"(...) Em 1966 havia 10% das crianças de 7 a 14 anos fora da escola e em 1971 tal proporção subia para 20% (...)

Os excluídos da escola, em grande parte dos casos, são crianças e jovens que precocemente precisam procurar trabalho: 9,4% dos meninos de 10 a 14 anos que vivem na Grande São Paulo trabalham, proporção que para as meninas é de 7,7%."

Esses dados poderiam ser interpretados da seguinte maneira:

"Trabalhar prematuramente significa duplo fator de marginalização: uma socialização deficiente (por insuficiência de conhecimentos básicos de caráter instrumental) e uma ocupação que apresenta limites bastante estreitos quanto à *viabilidade de capacitação profissional*. Efetivamente, o trabalho oferecido a menores, em regra geral, não exige alto grau de conhecimento e habilidade (...) *Não é preciso formação para executar tais rotinas de trabalho. Nem tais rotinas levam a uma formação profissional que poderia, no futuro, permitir o acesso a situações mais compensadoras.*"

Assim, vê-se que ambos os trechos diferem quanto ao *continuum* teórico-empírico visto na página 51: o primeiro trecho refere-se aos dados, ao empírico, e o segundo reporta-se ao significado atribuído a este empírico. Fornecer este significado é a principal função da etapa de Interpretação de Dados.

Resta, porém, comunicar essas conclusões ao mundo da ciência. Faz-se isto através de um relatório de pesquisa. Vamos a ele.

A etapa de comunicação de dados - o relatório de pesquisa

"A ciência não é um jogo solitário; tem muitos participantes. Nesse sentido não se tem uma explicação científica a menos que se possa prová-la para outros cientistas" (McCain e Segal, 1969). É neste momento, então, que se deve iniciar a etapa de comunicação de dados.

O processo de pesquisa visa a produzir conhecimento, e conhecimento é um produto social a ser repartido e utilizado.

Segundo Runkel (1972), um estudo de pesquisa é incompleto até que suas constatações e descobertas sejam *comunicadas* por relatório ou por aplicação prática. Quando o pesquisador termina sua interpretação de dados ele tem a oferecer uma explicação do fenômeno que estudou. E, no momento em que o pesquisador expõe à comunidade a pesquisa realizada, ele retorna ao ponto de partida — a realidade, o contexto social —, e novos processos de pesquisa poderão ser desencadeados.

Podemos ilustrar esse processo dinâmico utilizando o esquema da figura 7.1.

Além de ser uma maneira de informar às pessoas em geral (cientistas e leigos) sobre as descobertas científicas, a etapa de comunicação cumpre o papel de tornar essas descobertas *verdadeiras contribuições* científicas, na medida em que outros cientistas se inteiram delas e discutem-nas, seja apresentando críticas, seja apresentando sugestões para novas pesquisas.

É somente quando uma explicação de dados é discutida, aceita ou refutada por um grupo significativo da comunidade, que passa a

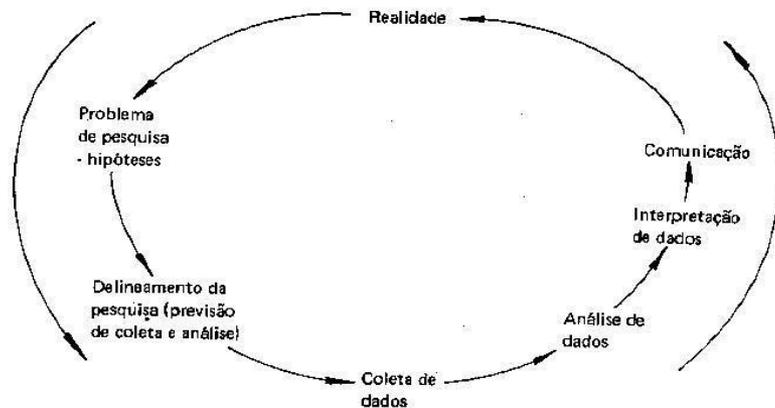


Figura 7.1.

ser amplamente divulgada em jornais, livros e revistas científicas, constituindo-se, então, em um forte fator para o avanço da ciência. Embora este avanço não seja tão simples, ou seja, linear, onde uma pesquisa gera automaticamente a seguinte, é indiscutível que sem a comunicação dos trabalhos a Psicologia estaria muito aquém em seu desenvolvimento. Os trabalhos já realizados e divulgados são, em geral, pontos de partida para aqueles que se estão iniciando. Para maior discussão acerca do processo de desenvolvimento da ciência, ver Kuhn (1970) e Lacey (1971).

A concretização dessa etapa se dá através da redação de um relatório de pesquisa, dirigido primeiramente à comunidade científica, e que deve seguir regras visando a uma padronização e facilitação da leitura. Tais regras sugerem a inclusão, no relatório de pesquisa, dos seguintes itens, que sempre devem aparecer na ordem abaixo apresentada:

1. Título,
2. Nome do autor, instituição onde a pesquisa está vinculada,
3. Sumário,
4. Introdução,
5. Método,
6. Resultados,
7. Discussão,
8. Referências bibliográficas.

7.1. Título

Deve explicitar, de maneira clara e precisa, o principal objetivo da pesquisa (em termos das variáveis independentes e dependentes) e a população que ele estudou (os sujeitos de pesquisa).

Veja o exemplo:

“Efeitos de um programa remediativo de alfabetização nos comportamentos de crianças da 1.ª série e da professora” (Leite *et al.*, 1977).

A variável independente está explicitada: programa de alfabetização.

A variável dependente, também: comportamentos de crianças da 1.ª série e da professora, e os sujeitos são crianças de 1.ª série e professora.

7.2. Nome do autor, instituição a que a pesquisa está vinculada

Deve constar o nome completo do autor (ou autores) e a Instituição (Escola, Universidade etc.) a que o autor está vinculado enquanto pesquisador.

Se a pesquisa tiver sido subvencionada por algum órgão ou Instituição que não aquela a que o autor é filiado, deve-se explicitar também, em nota de rodapé. Exemplo:

(Título) Incidentes agressivos na pré-escola.

(Autoras) Marcia Faria de Castro e Ana Maria Almeida Carvalho. *

(Nota de Rodapé) * Departamento de Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo.

7.3. Sumário

Texto que não deve exceder a 200 palavras, elaborado com o objetivo de apresentar as características gerais da pesquisa — o problema, o método de coleta, resultados e principais conclusões.

Há autores que sugerem a apresentação do Sumário ao final do relatório de pesquisa (Sellitz e colaboradores, 1951); a maioria, porém, propõe que o Sumário apareça antes do corpo principal do

relatório para que, a partir dele, o leitor possa decidir se a pesquisa lhe interessa ou não.

Veja um exemplo de Sumário:

"O objetivo do estudo foi avaliar como a percepção de pais e irmãos e o autoconceito de crianças variam em função do sexo, idade e estrutura familiar. Os sujeitos da pesquisa foram 180 crianças (90 de cada sexo) de três faixas etárias (5, 7 e 9 anos) e três tamanhos de família (1, 2 e 3 irmãos). A amostra foi selecionada em 12 escolas particulares da cidade de São Paulo, aleatoriamente escolhidas. O instrumento utilizado foi o Teste de Percepção Social para crianças (TPS), elaborado e pré-testado pelas autoras. O teste consta de 15 itens, em cada um dos quais se apresentam duas características opostas, pedindo-se à criança para classificar os membros de sua família nestas características. A classificação é feita através da separação de um grupo de bonecos que representam uma família nuclear de composição idêntica à família da criança. As crianças foram testadas individualmente. O principal resultado indica que existem diferenças significativas entre o autoconceito de meninas e meninos. Tais diferenças vão de encontro aos estereótipos sociais vigentes e aumentam com a idade, o que mostra a influência progressiva que a socialização dos papéis sexuais exerce sobre o autoconceito. Foi constatado também que a percepção dos pais e irmãos é influenciada por estereótipos sexuais da cultura" (Graciano, Silva e Guarido, 1977).

7.4. Introdução

É a parte do relatório de pesquisa que introduz o problema que será estudado, as hipóteses sobre o mesmo, e as razões para se estudá-lo. É o momento em que o pesquisador discorre sobre a relevância social do problema, as implicações para a sociedade advindas da realização da pesquisa e sobre a sua relevância científica: que novos conhecimentos poderão ser produzidos com o presente estudo.

Na argumentação de por que a pesquisa é relevante cientificamente, deve-se citar e discutir as pesquisas já realizadas (a literatura da área) e que se relacionam ao problema estudado, pois assim tem-se claro o quadro atual de conclusões já encontradas e questões ainda pendentes, e o quanto a pesquisa em questão contribuirá para o avanço do conhecimento da área.

Note nos trechos abaixo como estas citações de pesquisas podem ser feitas:

"Desde os trabalhos de Baer e Sherman (1964) e Lovaas (1966) que demonstram o papel da imitação no desenvolvimento da linguagem, muitos outros se seguiram replicando e ampliando essa descoberta, e contribuíram para que o conceito de 'imitação generalizada', proposta por estes primeiros pesquisadores, se firmasse de vez..." (Ramos, 1979).

"Os estudos mais antigos acerca de desenvolvimento social a longo prazo foram revistos por Jersild e Fite (1939), que observaram dezoito crianças durante o outono e a primavera seguinte de um ano escolar. Nos estudos posteriores, que em geral examinaram aspectos específicos de experiência social a longo prazo, encontra-se a mesma tendência" (McGrew, 1981).

7.5. Método

É a descrição de como a pesquisa foi feita. Divide-se em várias partes.

7.5.1. Sujeitos

Deve-se explicitar quem são os sujeitos, quantos são e como foram selecionados. Qualquer característica dos sujeitos, relevante para a pesquisa, e que os distingua dos outros indivíduos, deve ser descrita (Rey, 1972).

Veja um exemplo:

"Participaram da pesquisa 14 crianças de uma classe de jardim de infância. A amostra se compôs de 7 meninas e 7 meninos, cuja idade variava entre 47 e 75 meses. Todas as crianças da amostra estavam frequentando escola pela 1.ª vez e compareciam às aulas pelo menos 3 dias por semana" (Marturano, 1979).

Deve conter uma descrição das características do ambiente onde se desenvolve a pesquisa. Vejamos um exemplo:

"A pesquisa foi realizada na Escola de 1.º Grau do Instituto Espírita Paulo de Tarso, a qual tem a finalidade de promover a instrução e a socialização dos menores internos no recolhimento mantido pelo Instituto... A sala de aula estava mobiliada com mesinhas e cadeiras para crianças, armário, lousa, mesa e cadeira da professora" (Marturano, 1979).

7.5.2. Equipamento e material

Esta seção deve conter uma descrição detalhada do(s) equipamento(s) e materiais utilizados, seja na coleta, seja na análise de dados (perguntas do questionário ou entrevista, documentos consultados, aparelhos utilizados — gravador, filme, *video-tape* etc., computador, cronômetro, jogos etc.). Tais equipamentos e materiais devem ser descritos de modo a permitir a outros pesquisadores reproduzi-los.

7.5.3. Procedimento

Em geral, descreve-se, aqui, a situação de coleta de dados, em todos os detalhes relevantes, e na ordem cronológica em que ocorreram. O importante é que fique claro o "mapa" dos "caminhos percorridos" pelo pesquisador para responder ao problema de pesquisa, de tal forma que outros pesquisadores, caso queiram, possam percorrê-los também. Em um estudo sobre a realização de um planejamento de uma sala para crianças excepcionais (Guidi e Rodrigues, 1982), o procedimento foi descrito da seguinte maneira:

"O procedimento constou de duas fases:

1) Avaliação ambiental. 1 — Identificação e descrição das características físicas da sala de aula (espaço físico, mobiliário e sua disposição, iluminação e temperatura). 2 — Identificação e descrição das características físicas dos sujeitos, ou seja, peso, altura, distância olho-chão, bacia-chão, cotovelo do-brado-chão, cabeça-assento, olho-assento, ombro-assento, nádegas-perna, joelho-pé... 3 — Identificação dos objetivos e funções da sala de aula através de entrevistas com o corpo administrativo da escola e a professora etc." (Guidi e Rodrigues, 1982).

7.6. Resultados

Deve conter um relato descritivo dos dados obtidos, acompanhado de figuras e tabelas.

Deve-se descrever os dados de maneira suficiente para a fundamentação das conclusões, que serão apresentadas na seção seguinte. Vale notar, entretanto, que o pesquisador não pode apresentar apenas aqueles dados que corroboram suas hipóteses iniciais: ele necessita apresentar todos os dados relevantes, estejam ou não de acordo com suas idéias, opiniões e expectativas.

Haverá, como sempre, uma seleção de quais dados apresentar; nem todas as tabelas organizadas durante a análise, por exemplo, podem ou devem ser incluídas no relatório. Mas esta seleção deve ser feita com base no problema de pesquisa formulado e não em escolhas pessoais do pesquisador. Mesmo que dados relevantes para a resposta ao problema de pesquisa não tenham sido coletados, por falhas ou imprevistos, o pesquisador deve mencionar o ocorrido.²

² As seções de Resultados são, em geral, extensas, e por isso não achamos conveniente fornecer aqui um exemplo. Em qualquer uma das pesquisas aqui citadas você poderá encontrar um bom exemplo desta seção.

7.7. Discussão

É nesta seção que o pesquisador apresenta as interpretações de seus dados. Como já vimos anteriormente, isto inclui comparar os resultados da pesquisa com aqueles obtidos por outras pesquisas e teorias relacionadas ao problema estudado (ver p. 48). Inclui também apontar as implicações práticas dos resultados, comentando as possíveis contribuições advindas da realização do trabalho.

Vejam um exemplo:

(...) "Os resultados destes estudos podem fornecer informações úteis sobre como planejar e equipar melhor uma creche. Podem ser particularmente importantes para o treino e a educação de criança com problemas (...)" (Smith e Connolly, 1981).

Podem, ainda, abordar as dificuldades ou características de todo o processo que tenham interferido nas conclusões obtidas.³

O pesquisador pode, também, nesta seção, levar suas conclusões para um nível mais elevado de abstração, comparando seus resultados com aqueles previstos por toda uma *teoria* (e não esta ou aquela pesquisa). E aqui estabelece-se, então, uma relação clara entre *teoria* e *pesquisa*. Esta última serve, em geral, como suporte empírico para a primeira, dando-lhe ou tirando-lhe a "força". É importante notar, contudo, que nunca uma pesquisa *comprova* uma teoria, porque esta jamais pode ser completamente comprovada (Lacey, 1964). Uma vez que a teoria (segundo definição de Rudner, 1974) contém minúsculas hipóteses complexas, de alto nível de abstração (distante do empírico, no *continuum* teórico-empírico, como vimos na p. 50), apenas indiretamente comprovadas, e uma vez que entre essas hipóteses e os dados empíricos há, ainda, inúmeros conceitos e definições intermediárias (como vimos na p. 51), é impossível a comprovação da teoria em si mesma. Diz-se que uma teoria é *provavelmente* verdadeira ou *provavelmente* falsa, e a pesquisa é um importante instrumento (e, a nosso ver, o mais importante) na determinação desses graus de probabilidade da veracidade ou falsidade de uma teoria.

³ Na etapa de discussão de uma pesquisa sobre comportamento verbal que realizamos, comentamos, por exemplo, sobre a dificuldade do método experimental para o estudo da linguagem:

"... As dificuldades que muitas vezes surgiram no controle preciso das condições experimentais, ... e a estagnação de quase 20 anos na produção de pesquisas que analisassem os operantes verbais de Skinner, possíveis indicadores da inadequação ou insuficiência da metodologia experimental... clamam pela testagem de caminhos diferentes" (Hübner D'Oliveira, 1982, p. 221).

Com relação ao aspecto formal da seção de Discussão, alguns autores sugerem que se apresente esta seção juntamente com a seção de Resultados; isto pode ser feito, desde que não comprometa a clareza do relato, o que, aliás, deve ser uma constante em todo o relatório de pesquisa.⁴

7.8. Referências bibliográficas

Embora seja uma seção de pura listagem de nomes de autores e livros, geralmente negligenciada por aqueles que se iniciam no mundo de leituras científicas, trata-se de uma seção insubstituível, essencial, pois é através dela que poderemos ampliar o conhecimento sobre o assunto, mediante a consulta às fontes, bem como verificar e analisar as afirmações feitas pelos autores da pesquisa sobre os trabalhos de outros autores.

Além disso, esta seção facilita o acesso a trabalhos sobre determinado assunto (em geral, provenientes dos mais diferentes periódicos e livros), uma vez que eles aparecem listados em conjunto.

Evidentemente, essas finalidades só serão atingidas na medida em que a referência for correta. Sugere-se que as citações sejam feitas segundo as normas internacionais instituídas pela Organização Internacional de Normalização e pela Associação Brasileira de Normas Técnicas e editadas pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, a seguir apresentadas.

7.8.1. Artigos de revistas e outros periódicos

Cite na seguinte ordem:

- a) sobrenome (em maiúsculas) seguido de vírgula e do(s) prenome(s) abreviado(s) do(s) autor(es) do artigo; travessão;
- b) título do artigo; ponto;
- c) título da revista ou outro periódico, grifado e por extenso (a menos que o editor exija títulos abreviados);
- d) local de publicação (somente quando for difícil ou impossível localizá-lo pelo conhecimento do título, como no caso de revistas com o mesmo nome, publicadas em diferentes lugares);
- e) número do volume, em destaque; dois pontos;
- f) página inicial e final do artigo, unidas por hífen, vírgula; e
- g) data; ponto.

⁴ As regras referentes à linguagem expressa em um relatório de pesquisa são as mesmas exigidas para toda a linguagem científica. Releia a página 13, onde apresentamos tais regras.

Exemplo:

MARTURANO, E. M. — Características do comportamento no jardim de infância: I — Repertório básico. *Psicologia* 5(1) 69-91, 1979.

7.8.2. Publicações avulsas (livros, folhetos etc.) considerados no todo

- a) Sobrenome (em maiúsculas) seguido de vírgula e do(s) prenome(s) abreviado(s) do(s) autor(es); travessão;
- b) título da publicação, grifado; ponto e três espaços;
- c) número da edição (a partir da segunda); ponto e três espaços;
- d) local de publicação; vírgula;
- e) editor (nome da instituição ou editor comercial); vírgula; e
- f) ano de publicação; ponto.

Exemplo:

MELLO, S. L. — *Psicologia e Profissão em São Paulo*. São Paulo, Ed. Ática, 1975.

7.8.3. Publicações avulsas (livros, folhetos etc.) considerados em parte (capítulos, fragmentos, trechos)

- a) Sobrenome do autor etc.;
- b) título da parte referenciada (quando for o caso); ponto e três espaços;
- c) partícula "In:";
- d) título da publicação, grifado; ponto e três espaços;
- e) número da edição (a partir da segunda); ponto e três espaços;
- f) local de publicação; vírgula;
- g) editor (comercial); vírgula;
- h) ano da publicação; ponto e três espaços; e
- i) páginas, inicial e final, ou indicativo, ou página determinada da parte referenciada.

Exemplo:

MCGREW, W. C. — Aspectos do desenvolvimento social de crianças na escola maternal, com ênfase no problema de ingresso na escola. In: *Estudos Etológicos do Comportamento da Criança*. São Paulo, Pioneira, 1981, p. 135-164.

Todas essas referências bibliográficas só podem ser apresentadas se tiverem sido citadas durante o relatório de pesquisa.